

Saudoso futebol, futebol querido: a ideologia da denúncia

Hugo Lovisolo*

RESUMO

Tomando como eixo a obra de Eduardo Galeano, o artigo discute algumas concepções correntes e dominantes sobre o futebol no jornalismo esportivo. A ideologia da denúncia, a infantilização e a vitimização são elementos altamente presentes na crítica do futebol espetáculo ou empresarial em aliança com sua romantização. Além de salientar as raízes culturais da ideologia presente no jornalismo, o autor apresenta alternativas de leituras que deveriam ser integradas ao entendimento do futebol.

Palavras-chave: jornalismo; esporte; saudosismo.

SUMMARY

Having as an axis the work of Eduardo Galeano, this article discusses some current and dominant conceptions on soccer in the Sports Journalism. The ideology of revelation, the childishness and the victimizing are elements constantly present in the critic of soccer as a show or as an enterprise allied with its romantic form. Besides emphasizing the cultural roots of the ideology present in Journalism, the author presents options to reading which should be integrated to the understanding of soccer.

Keywords: Journalism; sports; longing.

RESUMEN

Tomando como eje la obra de Eduardo Galeano, el artículo discute algunas concepciones corrientes y dominantes sobre el fútbol en el periodismo deportivo. La ideología de la denuncia, la infantilización y la vitimización son elementos altamente presentes en la crítica del fútbol espectáculo o empresarial en alianza con su romantización. Además de destacar las raíces culturales de la ideología presente en el periodismo, el autor presenta alternativas de lecturas que deberían ser integradas al entendimiento del fútbol.

Palabras-llave: fútbol; periodismo; deporte; pasadismo.

É bem possível que o esporte moderno não existisse se os jornais e os jornalistas o tivessem ignorado. Parte significativa da história dos esportes e dos clubes foi escrita por jornalistas. As notícias e as matérias dos jornalistas sobre os esportes foram e são um elemento constitutivo, tanto do jornalismo quanto do esporte moderno. Jornais, rádio, noticiários para cinema, televisão e o próprio cinema, com o rosário de filmes que focalizam esportes, esportistas e torcedores, foram parceiros ao longo dos últimos cem anos.¹

Se considerarmos a história do esporte moderno nos meios de comunicação, veremos que rapidamente se passou da notícia isolada à página esportiva e desta aos jornais e revistas especializados. Em qualquer banca de jornal podemos encontrar várias dúzias de revistas dedicadas aos esportes e, não raro, várias de um mesmo esporte. Os significados, por certo heterogêneos, do esporte moderno estão embebidos das elaborações dos jornalistas e dos literatos que o tomaram por objeto.² Crenças e ideologias sociais e políticas predominantemente marcam com suas interpretações a produção jornalística e literária sobre os esportes. Os que amam os esportes têm contribuído para preservar a memória dos jornalistas esportivos, ao lado de seus atletas queridos e das façanhas de seus times, clubes ou países. Eduardo Galeano, *Futebol ao sol e à sombra*, deverá ser incorporado à galeria de reconhecimento dos amantes do futebol.

Para os pesquisadores em história e sociologia dos esportes, o jornalismo esportivo foi e ainda é uma importante base de dados e interpretações. As ciências sociais e históricas encontram no

jornalismo uma fonte insubstituível de conhecimento empírico e de compreensão de processos. Contudo, a história e a sociologia dos esportes não podem apenas se reduzir a dizer em linguagem sociológica, geralmente pouco transparente e vibrante, o que é dito pelos jornalistas naquela linguagem que é dirigida à emoção e à imaginação dos amantes dos esportes, atletas e torcedores. Devemos reconhecer que na maioria dos casos a tradução é menos valiosa que o original e que, além disso, as ciências sociais não devem nem podem confundir-se com jornalismo ou literatura. Uma das fontes da "crise" das ciências sociais talvez esteja no fato de que se produzem muitos trabalhos de difícil distinção das matérias jornalísticas.

Soares (1998) destacou alguns problemas derivados da utilização da importantíssima obra de Mário Filho, *O negro no futebol brasileiro*, e de sua influência na reiteração de interpretações que, segundo ele, seriam altamente discutíveis sob o ponto de vista empírico. (De fato, quando as ciências sociais abandonam o referente empírico, pouco importa se qualitativo ou quantitativo, elas são sugadas pelo "atrator" da literatura. A tensão das ciências sociais entre literatura e ciência é bem analisada por Lepenies.) Reconheçamos abertamente que o esporte brasileiro e o futebol em particular têm uma poderosa dívida com Mário Filho. Soares vê sua obra como um romance, onde o herói, o jogador negro, supera os obstáculos para conseguir um lugar no futebol, bem ao estilo da estrutura dos contos folclóricos descritos por Vladimir Propp. Contudo, o principal efeito, destacado por Soares, se tornar uma obra jornalística - manancial indiscutível de "dados" - como fonte quase única de referência, é distanciar

os pesquisadores da utilização de fontes primárias e, portanto, da possibilidade de novas interpretações, criando uma espiral de reiteração do já dito. Em outras palavras, cita-se e repete-se Mário Filho com baixíssima inovação factual e interpretativa, apenas colaborando para a reiteração e solidificação da invenção da tradição por ele realizada.³ A mensagem de Soares pode ser entendida como generosa incitação à pesquisa, como desafio a historiadores e analistas do fenômeno esportivo, para gerar dados mais sólidos e interpretações que relatem com maior fidelidade as tramas dos processos históricos. Seria absolutamente falso considerar suas hipóteses como ataque ou diminuição da figura de Mário Filho, uma poderosa onda de promoção do esporte e do jornalismo esportivo.

El fútbol a sol y sombra

Em 1995, um conhecido jornalista e ensaísta uruguaio e latino-americano, Eduardo Galeano, publicou *El fútbol a sol y sombra*. O título sugere ao possível leitor que será narrado o que se vê e o que não se vê, sendo o oculto o que será iluminado ou denunciado na obra. Denunciar o oculto, o que alguns não querem que seja sabido, é uma nobre tarefa dos jornalistas. Lendo a orelha do livro, o leitor confirma que sua intuição funcionou corretamente, pois o caráter de denúncia é claramente assumido.

É raro encontrar jovens progressistas que não conheçam Galeano, especialmente pela amplidão do impacto de sua obra *As veias abertas da América Latina*, que foi uma referência central de denúncia política. Assim, pelo possível impacto, o comentário crítico sobre sua obra é quase uma necessidade de proteção disciplinar da história e da sociologia do futebol. Mais ainda quando consideramos que *As veias abertas da América Latina* ainda figura como obra de referência em disciplinas universitárias. Galeano é visto por muitos como historiador ou sociólogo da exploração imperialista e da dependência. Na verdade, é um dos melhores representantes do ponto de vista da ideologia dos vitimizados. Segundo esse ponto de vista, as mazelas pessoais e sociais são sempre de responsabilidade dos outros, e o vitimizado é um ser puro ao qual se deve reparações. O vitimizado jamais partilha de nenhum tipo de responsabilidade por sua situação de vítima.

Em sua obra sobre o futebol, Galeano

opera em dois planos: o primeiro e mais literário é o da narração de estórias do futebol que emocionam o leitor. Pessoalmente, gosto muito de seus “causos”. O segundo é o da transmissão de um conjunto de crenças ou teorizações que ainda são moeda corrente nos campos progressistas de interpretação do futebol. Ambos, em conjunto, pretendem criar um efeito de denúncia ideológica, dizer-nos o que está podre no reino do futebol e deixar entrever quão maravilhoso ele seria se as causas da podridão fossem eliminadas. O jornalista que informa ou denuncia se torna, portanto, analista social e visionário que declara que o futebol, seus profissionais e talvez os torcedores são vitimizados pelo capital, pelo dinheiro, pela ânsia de lucros. O futebol está cada vez pior: os profissionais, porque estão amarrados a um destino trágico, e os torcedores, por ilusão ou desconhecimento das sombras. O sol para Galeano é o jogo puro e sem vinculações com o dinheiro; a sombra, a decadência crescente provocada pelo dinheiro.

Pretendo sistematizar e criticar o núcleo das crenças mais correntes e reiteradas — associadas a posições progressistas ou de esquerda, sempre animadas pela vontade da denúncia ideológica — que aparecem na sua obra e salientar algumas vias possíveis de interpretação alternativa.⁴ Não estou dizendo que todos os jornalistas ou comentaristas progressistas do esporte compartilhem essas posições. Apenas afirmo que elas são quase que naturalmente associadas com posições progressistas.⁵ As crenças transmitidas de geração a geração são de difícil remoção ainda que se demonstrem equivocadas, isto é, preconceituosas. O preconceito se instala quando a crença perdeu suas razões, mas se sustenta num processo circular de repetição, que geralmente envolve a reiteração da própria emoção que suscita o rememorar e o falar sobre a crença. Para modificar uma crença, transformada em preconceito, é necessário muito trabalho. Não são uma ou duas provas empíricas que levam à sua rejeição ou abandono. Faz-se necessário criar argumentações que lentamente possibilitem modificar o preconceito, o que habitualmente significa reformular principalmente ancoradouros emocionais. O leitor poderá reconhecer em minhas considerações o peso das elaborações de Perelman. (1993)

Saudosismo, infantilização e vitimização

O saudosismo é um elemento tradicional e sempre presente na crítica do futebol moderno, comercial, espetáculo ou indústria, e é localizável já em escritos produzidos no século passado. Há um coro de vozes que afirmam que o futebol do passado era superior, melhor, mais futebol. Nas versões menos elaboradas, o futebol era melhor porque original, e sua evolução ou história apenas testemunhariam sua decadência. O saudosista adere ao mito de que as coisas são puras e plenas quando nascem, e depois começa a deterioração. O tempo passado sempre é o melhor, o saudosista sofre de desencanto do presente. Para as vozes defensoras do passado — que sempre é passível de ser recuado ou infinitamente regredido, como foi demonstrado para o caso da vida simples e pura do campo na literatura inglesa por Raymond Williams —, o futebol foi mais puro e simples e, sobretudo, vinculado ao jogar pelo prazer de jogar. Na origem não havia dinheiro, nem juizes, nem relógios, nem regras. Os defensores do passado esquecem o grau de violência que tinham os jogos com bola que antecederam o futebol — muito bem descritos por Elias e Dunning (1992), assim como o processo posterior de domesticação da violência mediante as regras e os relógios. O relógio de ponto nas fábricas teria sido, para Thompson, um elemento valioso na valorização por parte dos trabalhadores de seu tempo de trabalho e do tempo livre.

O “jogo pelo jogo” foi destacado por Huizinga como elemento central de sua definição do jogo.⁶ O jogo deixaria de ser jogo, se corromperia, quando sujeito ao mundo das finalidades de prestígio, poder e dinheiro. Os exemplos de jogo privilegiados por Huizinga, retomados e repetidos por Galeano, são os dos animais e das crianças pequenas que brincam. Assim, para fundamentar a pureza e o prazer do jogo, seu autocentramento, recorre-se a duas figuras pré-sociais ou culturais: a do animal, que não é social, e a da criança em processo de socialização. (Aqui cabe um parêntese: para Piaget, o processo de desenvolvimento ou maturação, o tornar-se adulto, significa uma quebra do centrimento, do egocentrismo infantil presente nas imagens de Huizinga que Galeano acolhe sem reflexão porque lhe permitem dar base às suas crenças românticas e desencantadas sobre o dinheiro.) Ou seja, o fundamento do

jogo, um complexo de relações sociais, é uma situação que poderíamos caracterizar como não social ou, com palavras mais duras, como infantilização do jogo: o modo de jogar e de ser da criança se torna paradigma universal. Infantilização e vitimização parecem ser tendências estreitamente relacionadas. Sobre uma utilização mais ampla dessas categorias ver Bruckner (1997).

Observemos como Galeano reitera a nostalgia de um momento não social, lembrando a criança e o gato, sem consciência, sem motivo, sem relógio e sem juiz: “jogando como joga a criança com o balão ou como joga o gato com o novelo de lã: dançarino que dança com uma pelota leve como o globo que vai ao ar e o novelo que roda, jogando sem saber que joga, sem motivo, sem relógio e sem juiz” (1995, p. 2).

Claramente, Galeano opera com um ideal de jogo não social, não histórico e ontológico, que conduz a uma espécie de fantasia de escapismo do mundo em que vivemos; especialmente, opera com um modelo infantil: seu adulto ideal é o que joga como criança. Ou seja, o adulto só joga quando se conduz como criança. Com esse modelo de referência, qualquer consciência, motivo, responsabilidade, regra ou juiz é uma queda ou declínio do jogo.⁷ Salientemos, apenas, que o modelo escolhido parece ser muito mais romântico e conservador do que iluminista e progressista, e ligado a uma visão mais paradisíaca que terrena.

“A história do futebol é uma triste viagem do prazer ao dever. À medida que o esporte se fez indústria, foi-se desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar porque sim. Neste mundo de final de século, o futebol profissional condena o que é inútil, e é inútil o que não é rentável” (ibidem). Galeano argumenta com palavras cujos conteúdos podem ser tremendamente variados e de alto impacto emotivo. Observemos: “foi-se desterrando a beleza que nasce da alegria de jogar porque si” (jogar por jogar, numa tradução livre, resguardando o espírito da expressão). Galeano parece defender uma teoria pura da beleza segundo a qual ela surge do não motivado, do porque si. Podemos então supor que o quadro ou a música composta em louvor do Senhor não tem beleza, já que tem motivo, que não resulta do prazer de compor. Neste caso, por exemplo, que faríamos da obra de J. S. Bach? O gesto do herói que se sacrifica pelo grupo de pertencimento,

como os atletas gregos, não teria beleza porque tem motivo? Se jogamos para ganhar o jogo não teríamos beleza, porque teríamos motivos de competição individual ou de reforço de “pertença”, local ou nacional? Galeano sente e declara que é uma decadência o fato de os jogadores profissionais serem profissionais, jogarem mediante um contrato de trabalho, do qual uma das cláusulas principais é o pagamento em dinheiro.

Se usarmos o modelo de Galeano em

Tenho a impressão de que, antes de os capitalistas da indústria e dos serviços descobrirem que se podia ganhar dinheiro com o espetáculo esportivo, já os jornalistas e os jornais tinham feito a descoberta e se beneficiavam

outras áreas, por exemplo na política, deveremos reconhecer que pagar a nossos representantes acaba com a beleza da participação porque si. De fato, ela nunca foi porque si — os representantes sempre defenderam interesses, tiveram motivos — e, talvez, nunca tenha sido bela. O pagamento dos representantes convinha mais aos políticos sem fortuna, aos de baixo, do que aos possuidores de fortunas que lhes permitiam fazer política em tempo integral se assim considerassem necessário. Se aplicássemos seu critério, os verdadeiros escritores e jornalistas que produzem beleza seriam os que não recebem por seu labor; portanto, Galeano não seria um verdadeiro escritor ou jornalista. Tudo isso soa falso e moralista. Falso, porque, para um autor progressista como Galeano, parece difícil que o uso de argumentos aristocráticos leve a algum “lugar progressista”. Os aristocratas defenderam a idéia da arte pela arte, do esporte pelo esporte, como amplamente demonstrado no caso bem conhecido do barão de Coubertain. Moralista, porque Galeano assume sem crítica e de maneira generalizante o caráter demoníaco do dinheiro. Shakespeare, cuja glória é indiscutível, foi um profissional da escrita paga e um homem profundamente preocupado com seus ganhos e investimentos em bens imóveis (talvez porque naquela época ainda não se operasse na bolsa). Os motivos de Shakespeare não

diminuem sua obra. Evidentemente ele se preocupou com a utilidade de suas obras, ou seja, desejava que o público da praça, da corte ou do teatro gostasse e pagasse (Bloom, 1995). A bela jogada não é menos bela porque seu executante ganha como profissional, nem o prazer do espectador ou do atleta diminui por isto. Por que os motivos econômicos diminuiriam a qualidade do jogador de futebol e do jogo?

Galeano defende uma ideologia aristocrática para o futebol. O esporte foi bom quando os motivos profissionais, baseados em recompensas monetárias, não entravam no seu escopo. Essa crença já foi usada no campo da arte e da ciência tanto quanto no dos esportes, e é falsa: nem a arte nem a ciência boas foram produzidas somente por uma atitude não interessada em recompensas monetárias ou de prestígio e reconhecimento. Qualquer leitor da história do futebol, mesmo de trabalhos jornalísticos, sabe que a profissionalização foi um fator fundamental para a popularização do futebol, do basquetebol, do beisebol, do tênis e da maioria dos esportes. Sabe que a profissionalização resultou da pressão dos operários-jogadores das classes populares para se igualarem em condições, tempo de treinamento e descanso, por exemplo, com os praticantes dos times ou clubes aristocráticos. Contudo, a popularização não teria existido se não fosse pela aliança com o espetáculo: no estádio, no rádio, no noticiário, na televisão. Na construção do espetáculo, os jornalistas e radialistas participaram ativamente e são, então, também responsáveis. Galeano, como jornalista, deveria começar por uma crítica interna? Em vez de sentir-se vítima da comercialização do esporte, ele deveria começar fazendo uma crítica da relação do jornalismo com o esporte. Tenho a impressão de que, antes de os capitalistas da indústria e dos serviços descobrirem que se podia ganhar dinheiro com o espetáculo esportivo, já os jornalistas e os jornais tinham feito a descoberta e se beneficiavam dela. E Galeano usufrui dessa tradição.

O paradoxo é que, se não fosse pela sua transformação em espetáculo, talvez Galeano nem gostasse do futebol. De fato, quando ele nasceu, lá pelos anos 40, o futebol já era espetáculo no Rio de la Plata. Galeano pode ser apenas um produto rebelde do futebol espetáculo. O porquê é simples. Ele pertence à tradição ideológica ou partilha a crença de que

o dinheiro corrompe e corrompe muito mais aquilo que se ama. Então, por ser amante do futebol, decide que o dinheiro corrompe o futebol. Poderia acrescentar que corrompe também as artes, as ciências, os meios de comunicação, a política, a vida familiar, enfim, a todos e a tudo. Vivemos na lama da corrupção pelo dinheiro, somos vítimas de suas ciladas. A ladainha é bem conhecida e funciona como uma luva para os que se sentem vitimados e sem responsabilidade sobre a ordem das coisas. Os vitimados formulam o discurso da pureza, são puros porque vítimas.

Os dados do cotidiano, no entanto, trabalham contra Galeano. De fato, os clubes pagam caro pelos grandes jogadores, que constituem sempre uma baixa proporção do total. São magnificamente pagos porque são grandes, porque têm um histórico de jogadas belas, inteligentes, criativas, enfim, porque fazem disparar os cavalos de nossa emoção de torcedores. Inútil, de fato, é o jogador que não contribui com a desandada dos cavalos da emoção. Não pagamos para ver esse tipo de jogador, e sim para ver o jogador que em segundos realiza uma jogada genial. Galeano goza com essas jogadas e esses jogadores, como nós, e as relata no seu livro com vivacidade e admiração. Mas sua vontade de se contrapor ao mundo comercial, capitalista, empresarial, o leva a inventar uma lógica que ele não tem: o futebol espetáculo, preocupado com os lucros, estaria destruindo a beleza do esporte.⁸ Mais ainda, essa vontade o leva a subentender que os torcedores ou espectadores são otários que nada sabem de futebol e que pagam por um espetáculo decadente, que não lhes satisfaz ou cuja lógica é contrária às suas motivações. O útil para o futebol espetáculo é o que gera lucros; para isso são necessários estádios cheios e telespectadores, pois assim os espaços publicitários se vendem a um melhor preço. Só se pode conseguir isso fazendo jogos que satisfaçam os que pagam. Então, o inútil é um jogo chato, sem emoções, enfim, o inútil é que abandonemos os estádios ou troquemos de canal.

Mas Galeano deve reforçar sua ideologia, muito pouco amarrada quando apenas fundada na vontade dos lucros, e então incorpora novos fatores explicativos: a tecnocracia do esporte profissional. "A tecnocracia do esporte profissional tem imposto um futebol de pura velocidade e muita força, que renuncia à alegria,

à fantasia e proíbe a ousadia. Por sorte ainda aparece nos campos, embora muito de vez em quando, algum cara-de-pau maltrapilho que sai do libreto e comete o disparate de driblar toda a equipe rival, o juiz, e o público das arquibancadas, pelo puro gozo do corpo que se lança à proibida aventura da liberdade." (1995, p.2)

O futebol que Galeano começou a ver nos anos 50 e 60, criança e jovem, já era um futebol com uma preparação atlética e técnica bastante desenvolvida. Boa parte das ações belas no futebol, que ele narra, são atribuídas a jogadores profissionais e treinados como Pelé, Maradona, Platini e Zico, para citar apenas quatro exemplos. Quando Galeano começou a gostar do futebol, este já contava com federações nacionais e internacionais, com motivos, regras, relógios e juizes, técnicos e treinadores; e já movimentava recursos monetários significativos, as empresas já o privilegiavam como meio publicitário. Assim, podemos perguntar: como surge sua admiração por um futebol que ele não viu? Surge, talvez, do relato dos mais velhos, que sentem saudade da juventude de seu tempo e que, como consequência involuntária, a projetam no futebol a que assistem para se emocionar sem esquecer de criticar? Ou surge de uma operação ideológica romântica que o impulsiona a considerar o passado melhor na medida em que é menos capitalista, menos comercial e menos espetáculo? Ou surge de um a priori populista que o leva a endeusar o futebol jogado na rua e que, por certo, nem ele nem eu pagamos para ver e apenas observamos de relance e por pouco tempo?

Mais ainda, por que razão um futebol que ganha em velocidade e força (ele diz "pura velocidade e força") deveria ser inferior a um futebol de menor velocidade e força? O adjetivo que Galeano usa, "pura", pretende, nos artifícios da linguagem, transmitir-nos que só há isso, que não há outras coisas, como fantasia, criatividade, imaginação. A velocidade e a força aparecem como a serpente tentadora do inferno, embora invertida, que impediria a alegria, a ousadia, a fantasia. Há ainda outra questão: Galeano valoriza a jogada individual, é dominado por uma estética individualista. Contudo, é bem possível que outros se inclinam por valorizar a jogada rápida e combinada entre vários jogadores, o gol feito por vários. Esta última seria uma estética que valorizaria mais a ação de conjunto ou, se preferirmos, seria mais "socialista".

É evidente que os esportes ganharam em velocidade e força. Não é evidente que por isso tenham perdido em alegria, ousadia e fantasia. Basquetebol, beisebol e tênis, por exemplo, são uma prova em contrário. Seria o futebol uma exceção?

A crítica de Galeano pretende se fundamentar no argumento de que a velocidade e a força dificultariam a emergência da jogada inesperada, inovadora, genial. Com velocidade e força o espaço fica menor, a marcação mais dura, as jogadas mais estudadas e portanto mais bem antecipadas. Assim, a vida do gênio, a produção da diferença, do ato criativo, se torna mais difícil e, poderíamos acrescentar, mais significativa. É bem possível que nessas condições até fazer o gol seja mais difícil. Certo, depois de Cervantes, Shakespeare e Joyce é mais difícil fazer grandes obras literárias. Os escritores devem estudar mais, treinar mais, aperfeiçoar-se mais. Estas novas demandas de exigência parecem óbvias. Poeticamente Galeano sugere, sem dar nenhum exemplo, que seria o descarado maltrapilho quem, por puro gozo do corpo, se lança à proibida aventura da liberdade. Sua afirmação poética é, sem dúvida, enigmática. Teremos que entender por nós mesmos. Eu proporia, no meu entendimento, que a aventura da liberdade é seguir a própria intuição, razão ou emoção, sem se sujeitar aos ditames do técnico. Seguir a vontade da aventura pode levar a dois resultados opostos: ao fracasso, porque acaba mal, ou ao êxito. No primeiro caso, o técnico subirá pelas arquibancadas gritando os piores improperios; no segundo, pretenderá possivelmente compartilhar a criação ou explodirá em elogios, e o ato de criação poderá ser incorporado ao estoque das formas que deveriam ser seguidas ou imitadas quando possível. Assim, o jogador, para tentar a inovação, deve estar mais treinado, mais seguro. Porém nada impede que tente e, de fato, os bons jogadores, mesmo os de velocidade e força, o fazem.

Gould, em "Perdendo a forma" (1990), artigo brilhante, trabalha críticas semelhantes no caso do beisebol, especialmente o declínio do batedor de 400 ou, de modo mais geral, a queda nas médias de rebatidas ao longo do século. Ele também aponta a tendência que temos de "chafurdarmos na nostalgia e uma tendência lúgubre para fazermos comparações desfavoráveis entre o presente e uma 'era de ouro' passada". Gould, biólogo por formação, não se contenta com

meras opiniões, levanta dados estatísticos e formula uma hipótese a partir da biologia darwiniana. No seu contexto teórico, destaca que o processo evolucionário tem uma tendência para aparar e eliminar extremos; quando o sistema surge, tende a explorar todos os limites de possibilidades, mas no decorrer da flecha do tempo muitas variações não funcionam e a variação total diminui. À medida que os sistemas se regularizam a variação total decresce. O beisebol, para Gould, segundo os dados e análises estatísticas que realiza, resulta do fenômeno geral de uma crescente padronização de métodos que caracteriza qualquer sistema. Contudo, a generalização em nível nacional dos jogos, devido às facilidades de transporte e pela afluência dos dólares, duas décadas atrás, teria de ter desestabilizado o sistema solidificado por mais de 50 anos, baseado em jogos locais ou regionais. Isso, no entanto, não ocorreu. Mais até, o beisebol tornou-se uma ciência que maximiza a velocidade, a força, a marcação e a antecipação. Como resultado geral, Gould entende que “o jogo alcançou uma graça e uma precisão de execução que teve como consequência a eliminação dos feitos extremos dos anos iniciais. Um jogo inigualável em estilo e detalhes tornou-se mais equilibrado e bonito”.

O futebol é hoje um jogo mais rápido, mais ágil, com maior resistência, velocidade e força. Muitos o consideram mais bonito, outros podem entender que perdeu emoção e qualidade. A avaliação dos torcedores é um dos elementos que tornam o esporte interessante; monta-se um jogo discursivo sobre o jogo real, o “esporte” do debate sobre o jogo de futebol. Que os esportes possam entrar em sendas perdidas, e que a crítica possa recuar na árvore das opções para revalorizar velhos ou antigos caminhos, parecem ser proposições bem defensáveis. Contudo, culpar o capitalismo por não ficarmos presos a uma imagem de um futebol que alguma vez existiu, parece uma falsa união entre nostalgia do passado e crítica moralista do dinheiro, com um estudado efeito de desencanto sobre o presente.

O mundo desencantador

Galeano faz um conjunto de jogadas nas quais transparece o desencanto. Tomemos como exemplo a que leva o nome “O jogador”. Apresenta-nos o jogador como correndo pelo fio de uma navalha: de um lado os céus da glória, do outro

os abismos da ruína. Situa o jogador como motivo de inveja por se ter salvo da fábrica ou do escritório, por ser pago para se divertir, por ter ganho a loteria. O tom de Galeano é irônico, pois ele pretende mostrar o lado das sombras, enquanto os vizinhos do bairro apenas veriam o lado do sol. “Mas ele, que tinha começado a jogar pelo prazer de jogar, nas ruas de terra dos subúrbios, agora joga nos estados pelo dever de trabalhar e tem a obrigação de ganhar ou ganhar”. (1995, p.3)

A estrutura argumentativa de Galeano poderia ser traduzida assim: Mas ele, que tinha começado a fazer poemas por prazer, agora escreve pelo dever de trabalhar e tem a obrigação de fazer bons poemas ou fazer poemas que o público compre... Mas ele, que tinha começado desmontando e montando carrinhos de brinquedo por puro prazer, agora é obrigado a consertar eficientemente o carro de seus clientes... Galeano continua operando, no desencanto, com a infantilização como modelo desejado e com o sentimento de vitimização como base para seus argumentos. Assim, o jogador, o poeta e o mecânico seriam vítimas, pois não podem continuar fazendo as coisas como faziam em criança. A responsabilidade profissional, ou o capitalismo, é o algoz que o obriga a ser adulto. Portanto, ele é vítima.

Galeano imagina. Não precisa pesquisar a opinião, os sentimentos dos jogadores. Ele sabe. Sabe porque seu esquema é tudo ou nada. Jogar mesmo com prazer apenas existe quando não há dever. O dever destrói o prazer. Diversos profissionais e diversos esportistas afirmariam que as coisas não são tudo ou nada, sol e sombra, luz e escuridão. Que no exercício da profissão há momentos de sofrimento e momentos de alegria e prazer. O desencanto de Galeano surge de sua vontade de que tudo seja sol, de que não haja sombra. Há uma dificuldade “infantil” em lidar com a sombra. Mais ainda, ele inventa uma situação de jogo na qual não haveria necessidade de ganhar. Sabemos, por experiência pessoal, que o colega da equipe que joga sem vontade de ganhar é um estraga-prazer que nos dá uma tremenda vontade de expulsar do campo. Entramos no jogo competitivo, mesmo que seja na rua, para ganhar ou ganhar. Por não sermos profissionais não teremos outros custos se perdermos. Mas o próprio profissional, quando avaliado como tendo dado o melhor de si, não

é punido nem quando seu time perde. Há uma certa generosidade entre os torcedores, que não raro afirmam “o time jogou bem, perdemos por azar”, e uma corrente que mistura tristeza, carinho e solidariedade vincula jogadores e torcedores. Galeano não considera que é tão importante lidar com os triunfos quanto com as derrotas. Sobre esses lados do sol Galeano não fala. Então, inventa seu próprio desencanto, ocultando os momentos de afeto e solidariedade que o levariam a um discurso menos desencantado.

Galeano apresenta um jogador escravo sem, entretanto, salientar as contracorrentes, as novas legislações, as lutas dos profissionais dos esportes por estatutos diferentes. Apresenta um jogador arrebatado pelo esporte, cansado aos 30, impotente como pessoa. Sempre na sombra. Não se refere, por exemplo, aos muitos antigos craques e profissionais que continuam jogando o “futebol para ganhar”, por exemplo, em torneios de futebol de praia ou de masters ou nas peladas com os amigos, ao mesmo tempo que administram seus negócios não futebolísticos ou trabalham em empresas. O leitor desprevenido pode ficar com a impressão de que todos os jogadores têm um fim trágico. De fato, para o jornalista, o ex-profissional do futebol que tem sua família, que trabalha, que conversa com os amigos, que vai ao futebol com os filhos não é notícia. Notícia bem mais emocionante para o jornalismo é o profissional arrebatado pela droga, a bebida, vivendo sem família, sem recursos e sem amigos. Notícia para o profissional do jornalismo são os extremos, Pelé e Zico, de um lado, Garrincha, Maradona ou Josimar, do outro, e por motivos e intensidades bem diferentes. Por isso as notícias são tendenciosas, estão preocupadas demais em refletir o extraordinário, o “acredite se quiser”, e esquecem o comum, o ordinário, aquilo que para eles não é notícia. Tenho a sensação de que nos últimos tempos há mais notícias sobre os negócios dos jogadores que não estão à altura de um Pelé ou um Platini. Seguindo a moda, e se a sensação é compartilhada pelo leitor, podemos sugerir que talvez seja efeito do neoliberalismo, desejoso de apontar as virtudes do mercado quando aliadas a algum capital e inteligência de gestão.

Crítico romântico e propositadamente tanguero rioplatense, Galeano diz: “E algum dia, o jogador descobre que jogou a vida só num naipe e que o dinheiro voou e a fama também. A fama,

senhora fugaz, não lhe deixou nem um naipe de consolo". (1995, p.3)

E se interrogarmos o jogador? E se ele responder que "faria tudo de novo"? Que "prefiro cinco anos de glórias e dinheiro à vida na fábrica ou no desemprego"? Que "a maioria passa a vida como agora eu estou, mas eu tive a grande vantagem de viver outros momentos"? Se ele responder dessa forma, onde fica o desencanto de Galeano e seu poder de crítica? Na sociedade democrática e capitalista a fama passa mais ou menos rapidamente para empresários, artistas, esportistas e cientistas. A fama ou seus equivalentes de importância social são duradouros nos regimes hierárquicos, fechados, amarrados ferreamente pela religião. Esse o mundo dos sonhos de Galeano? Alguns românticos que admiravam a Idade Média, a organicidade da sociedade feudal dada pela religião, o acompanhariam em seus sentimentos de desencanto.

Os esportistas têm direito e devem lutar para rever suas condições de trabalho, por mínimos contratuais, por exemplo. Para criar novas legislações ou contratos em relação aos clubes e às transferências, para elevar os salários mínimos e médios da categoria e para organizar formas de aposentadoria adequadas à sua profissão. Enfim, devem e podem lutar por tudo aquilo que considerem justo e digno para sua profissão. Contudo, eles não são coitados, nem os que estão em

piores condições em nossa sociedade. Mais ainda, podem não lutar a favor da regulação da profissão porque entendem que o atual sistema brinda as melhores possibilidades para contratos milionários, embora a contrapartida, no caso de perderem os raros momentos que a deusa fortuna distribui, seja o salário baixo, a não acumulação, o banco de reservas e o problema final de pensar em como ganhar a vida quando sair do futebol. Estão mais sob a luz do que muitos, e compartilham com outros as sombras e as luzes da vida. Trata-se, isso sim, de aumentar a luz para todos.

Não acredito que Galeano consiga isso carregando as tintas das sombras mediante frases de efeito como: "O gol é o orgasmo do futebol. Como o orgasmo, o gol é cada vez menos freqüente na vida moderna" (1995, p.9). Não sei se Galeano conta com dados para provar que o orgasmo é cada vez menos freqüente — seria bom que os divulgasse. Entretanto, no caso do futebol, pareceria que as médias de gols por jogo estão diminuindo, quando se tomam os dados, por exemplo, das Copas do Mundo entre 1930 e 1990. Em 1930 foi de 3,89; já em 1954 de 5,38.

A média cai a partir de 1958, sendo em 1962 e 1966 de 2,78. É um cai e sobe: em 1982 é de 2,81, já em 1990, de 2,11. A tendência não é muito clara e, mesmo que aceitássemos a queda nas médias de gols, poderíamos entender que ela é produto

de condições técnicas mais elevadas; como resposta, as regras do jogo podem vir a ser modificadas para aumentar as chances do gol. Poderíamos, por outro lado, tecer argumentos semelhantes aos que Gould constrói para o beisebol e, em definitivo, chegar à conclusão de que há grandes jogos com um ou dois gols e jogos pouco emocionantes com muitos gols. A qualidade do jogo talvez dependa, como Elias pretende, das tensões que provoca e não necessariamente da quantidade de gols. Depende das sensibilidades que desenvolvemos, da estética à qual aderimos, e ela, como tantas outras dimensões ou aspectos da vida social, pode modificar-se.

O reforço da invenção da tradição

Para finalizar destacarei a contribuição de Galeano ao reforço da tradição mito-poética do futebol. Entendo por tal o conjunto de esforços destinados a colocar em relação as características do estilo do futebol com as características da cultura ou nacionais. Mediante essa elaboração, o futebol, como outros esportes, foi convertido em dimensão da cultura nacional. Esse tipo de argumentação está presente na literatura e no cinema há várias décadas. O filme Campos dos sonhos, por exemplo, apresenta diálogos, entre um branco e um negro, bem interessantes do ponto de vista da construção das relações, no beisebol, na



cultura norte-americana.

A história que se conta da entrada do futebol na Argentina, no Uruguai e no Brasil é estruturalmente a mesma. Os estrangeiros, especialmente os ingleses, trazem o futebol. A variação fica por conta da introdução de algum nativo aristocrático que contribui para a importação. O segundo problema é explicar sua rápida e ampla adoção pelas camadas populares. Galeano, no caso do futebol criollo, encontra na não exigência de dinheiro o segredo para sua adoção ampliada. (1995, p.33) Ele não observa que outros esportes, como o rugby, o boxe, a natação no mar, em lagoas e rios e o basquetebol exigiam também pouco dinheiro, porém alcançaram graus pequenos ou médios de adoção. Ou seja, a baixa exigência de dinheiro faz do futebol uma diversão barata, o que se aplicaria também a outras diversões, mas não explica a rápida e ampla difusão específica. No sentido inverso, o pólo e o golfe apenas poderiam ser esportes de elite. Contudo, na sua origem o futebol foi um esporte de elite e inglês. Os argumentos são contraditórios, e Galeano obriga-se a reforçar sua explicação. Declara, então, que o futebol é uma linguagem universal; é o esperanto do futebol que permite que os expulsos das áreas rurais nacionais se entendam muito bem com os trabalhadores expulsos da Europa. Digamos que ambos os trabalhadores já sabiam a linguagem do futebol, ou que ela é tão simples que logo é dominada por todos. Parece mais simples apostar na simplicidade da linguagem. No entanto, essa simplicidade também se aplica, por exemplo, ao rugby, que não pegou. A simplicidade da linguagem dos esportes, que permite sua aprendizagem rápida, também parece ser uma condição geral que não explica a adoção específica do futebol.

Seria muito mais honesto reconhecermos que não sabemos por que o futebol pegou, e não foi fogo de palha, segundo a profecia de Graciliano Ramos. Se os biólogos podem reconhecer que a mutação genética resulta do acaso, e com isso não se sentirem menoscabados em termos teóricos, nós, que lidamos com eventos sociais e culturais, podemos também operar com o “acaso” ou simplesmente declarar: até que não existam estudos comparativos sólidos, não saberemos por que o futebol pegou e talvez não o saibamos nunca. Aceitar nossa ignorância sobre o “por que pegou” não reduziria um

ponto da importância social do futebol nem as explicações ou interpretações que sobre ele se realizam.

Por que não fazemos isso? Basicamente porque os argumentos sobre a economia, a pobreza dos praticantes e a linguagem universal são postos em relação com a formação da identidade ou cultura nacional, que deve ser pensada como popular e resultante dos

Se os biólogos podem reconhecer que a mutação genética resulta do acaso, nós, que lidamos com eventos sociais e culturais, podemos também operar com o “acaso” e declarar: não sabemos por que o futebol pegou.

cruzamentos. Basicamente, então, porque a matriz explicativa é populista e romântica. No caso do “Rio de la Plata”, o futebol se desenvolveria entre nativos e imigrantes, ambos trabalhadores e populares que se encontravam também para dançar milongas e nos botequins: “Nos campos de Buenos Aires e Montevideu, nascia um estilo. Uma maneira própria de jogar futebol ia abrindo passagem, enquanto uma maneira própria de bailar se afirmava nos pátios milongueros. Os dançarinos desenhavam filigrana, floreando-se, em só uma baldosa, e os futebolistas inventavam sua linguagem no minúsculo espaço onde a bola não era chutada, mas retida e possuída, como se os pés fossem mãos trançando o couro. E nos pés dos primeiros criollos nasceu o toque: a pelota tocada como se fosse violão, fonte de música”. (1995, p.34)

A romantização populista do estilo do futebol imbricado com a cultura nacional corre solta. O central é vincular o estilo do futebol ao eixo da expressão musical e corporal na dança dos populares: do criollo, figura mítica que é rural, popular e descendente dos cruzamentos sexuais entre os europeus, principalmente espanhóis, e os nativos. Faltou a Galeano mencionar o visteo, a arte usada na prática das lutas com facas e à qual até Borges dedicou boas páginas. O gaucho e o criollo foram tematizados e tornados essência da nacionalidade desde o Martin Fierro de José Hernandez. Uma longa

literatura criollista surgiu no seu esteio, e sua descrição e impacto na formação da cultura argentina e rioplatense foram objeto do excelente trabalho de Prieto (1989). A cultura nacional se solidifica nas analogias entre a expressão corporal no futebol, na dança e na música. É a construção poética dirigida à emoção, que demanda a unidade, o fundamento da operação. A operação é facilitada porque há apenas um esporte popular e nacional: o futebol. As coisas seriam bem diferentes se a construção da tradição do estilo tivesse que lidar com vários esportes. As analogias são fracas e etéreas e quase que incontestáveis sob o ponto de vista da emoção que demanda a unidade. Contudo, não estamos diante de uma construção científica, pois ela não pode ser refutada nem verificada, mas apenas relativizada, se salientamos que os mesmos mecanismos de construção existem por toda parte, e em cada lugar se tomam os elementos locais que, para os intelectuais, seriam eixos da cultura popular que deverá se tornar tradição nacional. “Simultaneamente, o futebol tropicalizava-se no Rio de Janeiro e São Paulo. Eram os pobres os que o enriqueciam, enquanto o expropriavam. Este esporte estrangeiro fazia-se brasileiro à medida que deixava de ser o privilégio de uns poucos jovens acomodados, que o jogavam copiando, e era fecundado pela energia criadora do povo que o descobria. E assim nascia o futebol mais formoso do mundo, feito de quebras de cintura, ondulações do corpo e vôos de pernas que vinham da capoeira, dança guerreira dos escravos negros e dos bailes alegres dos subúrbios das grandes cidades”. (1995, p.34)

De novo as mesmas figuras: pobres, negros, dança, música e, no caso, capoeira. Os jovens acomodados apenas copiavam, os jovens pobres e negros dariam personalidade própria ao futebol, o tornariam parte da cultura nacional. De novo a poesia apela para a emoção. É inútil perguntar: onde estão os vôos do futebol brasileiro e, se existem, como se relacionam tecnicamente com os da capoeira? Ou, em relação à hipótese da leveza do futebol brasileiro, ao privilégio concedido ao drible, que pode ser explicado como resultado do fato de que os jogadores negros não podiam entrar duro nos brancos — uma explicação, no caso, em termos de

relações entre classes sociais —, o que é possível ser dito? Praticamente nada, pois estamos diante de supostas relações para as quais não são apresentados dados, apenas suposições criativas e inteligentes. Elas não podem ser tomadas como hipóteses ou interpretações vinculadas com dados. Não é possível argumentar empiricamente. O que podemos dizer é que as analogias são muito fáceis, emergem espontaneamente, e não se pretende discuti-las. Ao contrário, sua força reside nas suas reiterações nos trabalhos literários, jornalísticos e acadêmicos que levam água para a tradição inventada. Assim, os românticos populistas japoneses podem um dia, se o futebol se tornar o esporte nacional por excelência, vincular seu estilo às influências do judô ou das danças populares e tradicionais. Os americanos já fizeram isso em vários campos. (George, 1992) É mais que evidente que o romantismo populista permeia a invenção da tradição: a cultura surge do povo e sobretudo da parte mais excluída ou marginal; o futebol leva a marca profunda da cultura, da música, da dança e da luta, dos que dela se apropriaram em cada contexto nacional ou regional.

A modo de conclusão

As elaborações românticas e populistas, por vezes vinculadas à infantilização e vitimização do povo, pareceriam ter realizado uma grande contribuição em termos de valorização da cultura nacional e da produção cultural do povo. A valorização centra-se em tomar elementos da cultura expressiva, dança, música e lutas estilizadas. O que se valoriza, então, são os traços estéticos da cultura popular: carnaval, samba, tango, futebol. Essa valorização pode no fundo ser produto de uma espécie de compensação da desvalorização no plano da razão e da vida instrumental, da condução e da gestão. Poderíamos chegar a pensar que, perseguidos pela dominação, essa valorização faça parte de uma sofisticada, embora não consciente, estratégia de poder. A infantilização não parece colaborar ativamente com a modificação das situações, ao contrário, parece constituir um longo repertório que exime da responsabilidade da ação. A vitimização pode ser boa para os advogados e para o pagamento de reparações, mas é difícil que gere processos de mudança significativos.

Essas suspeitas apenas deveriam fazer parte do estoque de recursos de que dispomos para soffrear o entusiasmo estetizante do romantismo populista. Contra-hipóteses, portanto, na tentativa de relativizar o entusiasmo redentor e missionário do romantismo populista.

Não acredito que necessitemos da infantilização do futebol nem da vitimização de jogadores e torcedores para alcançarmos seu entendimento crítico. Mais ainda, penso que essas operações podem ocultar um entendimento mais valioso dos processos contraditórios do esporte espetáculo.

A valorização do futebol pelas suas supostas fontes populares, de classe, de raça e de cultura, aliada, como no caso de Galeano, à valorização do individualismo do jogador, é uma configuração curiosa que merece ser pensada. Talvez, seguindo o mestre Gilberto Freyre, pudéssemos aventar a hipótese de que ela resulta do acendrado e particular individualismo hispânico.

Poderíamos trabalhar com a hipótese de que a tradição inventada tem uma eficácia simbólica ou, em outros termos, o poder das profecias auto-realizadas. Ao se enfatizar determinadas características do estilo nacional, obriga-se a um desempenho que aspire a estar próximo delas. Ênfase que esta é uma hipótese que mereceria ser trabalhada, embora as dificuldades metodológicas sejam consideráveis.

É bem possível que o campo das atividades expressivas não seja o melhor lugar para realizar a crítica do não reconhecimento da diferença, da marginalização, da discriminação. Esse campo, formado por esporte, música e dança, aparece como muito aberto para a participação dos negros, dos cabecitas negras, enfim, daqueles que encontram dificuldades sérias na educação, na economia e na política.

Os desencantamentos formam parte da modernidade tanto quanto seus encantamentos. Apenas parece que entenderemos sua dinâmica se a tomarmos em conjunto, em vez de acentuarmos um ou outro aspecto.

Notas

¹ Um sintoma da aliança é o nome da revista de esporte mais tradicional da Argentina: El Gráfico.

² Como exemplo, ver Soares e Lovisolo (1997).

³ Citar aqui a obra organizada por Hobsbawm e Ranger (1977) é inevitável. O artigo de Hobsbawm, que fecha o volume, é de importância central para os interessados nos esportes.

⁴ Comprei o livro de Galeano em Buenos Aires em 1996. Acreditei que seria uma agradável leitura durante o retorno, e foi mesmo. Galeano é um jornalista competente, sob o ponto de vista estilístico. Já no decorrer de 1998, tive que ler trabalhos de alunos nos quais as crenças ou ideologias de Galeano, via citações, faziam-se presentes. Assim, escrevo este trabalho como exercício de responsabilidade e, devo reconhecer, sem muito prazer. Não o escrevo porque me dá a gana; escrevo por princípio de economia, para evitar repetir para os alunos as mesmas críticas e para me contrapor às crenças da infantilização e da vitimização.

⁵ Análises específicas sobre a crise do futebol no Brasil foram desenvolvidas por Ronaldo Helal (1997).

⁶ Um dos melhores trabalhos sobre J. Huizinga que conheço foi escrito por E. H. Gombrich (1991). Homo Ludens corresponderia à produção do último Huizinga que, segundo Gombrich, via "la cultura humana teniendo como aterrador fondo un problema metafísico, se había vuelto profundamente religioso, y le preocupaba la cuestión suprema de la justificación de la cultura a los ojos de Dios" (p.141). E ainda: "Aquí está el nuevo elemento, creo yo, la experiencia que convirtió a Huizinga, de tranquilo historiador de la cultura, em apasionado crítico de su tiempo y, a decir verdad, en laudator temporis acti. El esteticismo romántico que siempre había intentado mantener bajo estricto control parecía el único refugio del mundo moderno, del que se sentía cada vez más alejado" (p.148).

⁷ Sobre o tratamento da regra esportiva e suas possibilidades de interpretação alternativa, ver Lovisolo (1997, capítulo 2).

⁸ Idêntica lógica é acionada por Betti (1997) para acusar os interesses de lucro como responsáveis pela violência no esporte. Uma crítica dessa visão, a partir de seus próprios dados, pode ser conferida em Lovisolo. (1998)

Bibliografia

BETTI, M. Violência em campo. Ijuí: Ed. Unlúí, 1997.

BLOOM, H. O cânone ocidental. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BRUCKNER, P. A tentação da inocência. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

ELIAS, N. & DUNNING, E. Deporte y ocio en el proceso de la civilización. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

GALEANO, E. Futebol ao sol e à sombra. Trad. de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L & PM, 1995.

GEORGE. Elevating the game, black men and basketball. New York: Harper Collins Publishers, 1992

GOMBRICH, E. H. Tributos. México: Fondo de Cultura Económica, 1991.

GOULD, J. S. "Perdendo a forma". In: O sorriso do flamingo. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

HELAL, Ronaldo. Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

HOBSBAWM, E. & RANGER, T. A invenção das tradições. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

LEPENIES, W. Las tres culturas. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.

LOVISOLO, H. Estética, esporte e educação física. Rio de Janeiro: Sprint, 1997.

_____. Futebol, mercantilização e violência. Motus Corporis. Rio de Janeiro: Ed. Central UGF, 1998, vol. 5, nº 2.

PERELMAN, C. O império da retórica. Lisboa: Edições Asa, 1993.

PRIETO, A. El discurso criollista en Argentina. Buenos Aires: Sudamericana, 1989.

RODRIGUES FILHO, M. O negro no futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. O negro no foot-ball brasileiro [prefácio de Gilberto Freyre]. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1947.

SOARES, Antonio Jorge G. Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: releitura da história oficial. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Educação Física/UGF, 1998.

SOARES, A. & LOVISOLO, H. O futebol é fogo de palha: a profecia de Graciliano Ramos. Pesquisa de Campo, nº 5. Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol. Rio de Janeiro: Departamento Cultural/SR-3/UERJ, 1997.

* Hugo Lovisolo é Professor do Departamento de Ciências Sociais da UERJ.